ALVAMAIR

Centro Norte-Rio-Grandense de Brasília



Doze depoimentos sobre mestre Cascudo

3.2)-5
C
Ex.01 F000223

...no Estadual de Cultura
do Rio Grande do Norte
Sindicato dos Bancários de Brasília

1990

Impressões de Cascudo

Os tempos são outros. Não há mais lugar para aquela espécie de devoção despertada pela figura do Mestre, suas aulas, sua empatia, sua competência em nos conduzir suficientemente habilitados a enfrentar o que nos esperava além das salas de aula. Impressões que se engajavam pela existência inteira.

Recordava-se com acentuado orgulho, a linha direta de uma formação que provinha, quase sempre, de um mestre-escola ou de um professor que deixava nas sucessivas gerações a marca de sua sabedoria, de sua bondade, de sua filosofia de vida, como se fôssemos personagens saídos de um romance de James Hilton ou de um texto d'Amiciano.

Mestre que reunia alunos em torno de si, de suas idéias, fazendo escola à maneira de um Tobias Barreto, ou de um Miguel Couto, que foram consagrados por gerações e gerações de estudantes que com eles conviveram.

Luís da Câmara Cascudo pertence a essa galeria de Mestres excepcionais, embora não tivesse formado escola. Mas se constituiu um polo intelectual de dimensões nacionais.

Escapava, sem esforço, do cotidiano medíocre de nosso sistema escolar, que atendia estudantes de classe média, moldados pelos conceitos oficiais.

É bem possível que eu não saiba explicar muito bem, mas as minhas primeiras impressões de Cascudo, de suas qualidades humanas e intelectuais, se identificam com recordações de infância. Há em tudo isso, nas reminicências distantes que me acodem neste momento um certo clima do Tirol de outrora, nos idos dos meus primeiros anos, quando zanzava pelas claras avenidas desse bairro de toponímia europeia, que trescalava um odor silvestre dos tempos antigos.

Cascudo vivia numa mansão de generosas mangueiras, que transbordavam os longos e velhos muros, com seus frutos coloridos, exaltando as visões de um menino sem fronteiras e de compulsivos apetites.

Impressionismo que transmitia a intuição de que alí morava gente importante, quando as pitombeiras me preocupavam mais do que a movimentação dos que frequentavam aquela casa em dias de festa, que não eram raros, e pouca atenção me prendia à presença de um moço de monóculo, poláinas e uma basta cabeleira, que lhe conferiam o perfil de jovem príncipe.

Dias de tranquila província, que despertavam, de espaço a espaço, com o ruído estridente de um magro e solitário bonde que transitava a avenida Jundiaí em toda sua extensão, sombreada de opulentas mangabeiras, no tempo em que os passageiros se conheciam e se cumprimentavam.

No começo dos anos 30 me deparei com aquela personagem da ampla mansão da Jundiaí ensinando História no Velho Atheneu, usando fichas de aula e bom humor, prendendo a atenção da classe com sua eloquência fascinante e gesticulação comedida. Conversava com os estudantes, contando anedotas e fatos pitorescos, nos integrando num mundo sem diferenças. Amizade que se prolongou pela vida toda, fácil de ser conservada e sempre estimulada pela admiração que constituiu a atmosfera do nosso relacionamento afetivo.

De todas essas recordações, algumas de uma fugaz visão do passado, ou da permanência principiada nas salas de aula, sobrevive a imagem do mestre, cujos traços inapagáveis explicam minha saudade.

Alvamar Furtado de Mendonça

FARN

Apresentação

O Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte prestou significativa homenagem à memória do escritor Luíz da Câmara Cascudo no dia 28 de dezembro de 1989. Se vivo fosse, no dia 30 de dezembro de 1989, ele completaria noventa e um anos de idade.

A manifestação constou de sessão especial, que se realizou no auditório da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, sob a presidência do prof. Luiz Eduardo Carneiro Costa, Secretário de Estado da Educação e Cultura. Ladearam o Secretário, o presidente do Conselho Estadual de Cultura/RN, d. Dhália Freire Cascudo, dra. Ana Maria Cascudo Barreto, e os presidentes da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico/RN.

Na oportunidade, leram breves depoimentos sobre Mestre Cascudo os conselheiros Alvamar Furtado de Mendonça, Américo de Oliveira Costa, Antônio Soares Filho, Cláudio Emerenciano, Diógenes da Cunha Lima, Grácio Barbalho, Jurandyr Navarro Costa, Luiz Carlos Guimarães, Otto de Brito Guerra, Paulo Macedo, Valério Mesquita e Veríssimo de Melo. A jovem Camila Cascudo Barreto, neta de Cascudo, aclamada, também ofereceu emocional depoimento, infelizmente não registrado.

Aqui, por espontânea iniciativa de Romildo Teixeira de Azevedo, presidente do Centro Norte-Rio-Grandense de Brasília, com apoio do Sindicato dos Bancários de Brasília, estão inseridos todos os depoimentos ali proferidos. É um painel vivo, no qual Mestre Cascudo é lembrado nos mais variados aspectos de sua fascinante personalidade.

O Conselho Estadual de Cultura/RN consigna o seu agradecimento a quantos contribuiram para esta publicação.

VERÍSSIMO DE MELO
Presidente do Conselho Estadual de Cultura – RN.

FARN

Cascudo em dois tempos

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, segundo ele próprio, nasceu "numa sexta-feira, dia de São Sabino, 30 de dezembro de 1989, às 5:30 da tarde, nesta cidade de Natal." Estamos hoje, porém, com a antecipação de dois dias, comemorando o seu aniversário. E eu quís evocar, nesta data, dois momentos, muito expressivos para mim, do nosso relacionamento intelectual, de minha convivência literária com o mestre admirável.

O PRIMEIRO ocorreu nos próprios quadros desta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em que hoje se reune o Conselho Estadual de Cultura. Tem um aspecto inusitado, como veremos a seguir.

Em 1936, mestre Cascudo, com outros companheiros, fundou a nossa Academia. Escolheu seu patrono, o historiador LUIS MANOEL FERNANDES SOBRINHO e a sua cadeira tem o nº 13. O tempo foi seguindo. Em 1943, a 22 de julho, a Academia escolheu-me como um de seus membros, e a quatro de novembro desse mesmo ano, Cascudo, tomando posse, fui eu quem o saudou em nome da nossa instituição, embora até hoje não entenda a razão, uma vez que, embora escolhido como acentuei, não me houvesse consagrado, institucionalmente, acadêmico. Minha posse só se verificaria muito mais tarde, a 22 de dezembro de 1949. O assunto, hoje, prescreveu.

O SEGUNDO episódio parece mais sugestivo, na sua singular coincidência.

A 10 de dezembro de 1939, Cascudo foi homenageado, em Mossoró, por intelectuais conterrâneos, com um jantar no parque do Ginásio Diocesano Santa Luzia. Eu me encontrava residindo alí e fui escolhido pelos companheiros homenageantes, para saudar o Mestre. Meu discurso, então proferido foi publicado, aliás, em "A REPÚBLICA", desta Capital, no exemplar do dia 10 de dezembro daquele ano.

Pois recentemente, na noite de 30 de novembro deste 1989, praticamente cinquenta anos depois, ou seja meio século, eu fiz uma conferência naquela mesma cidade de Mossoró, em solenidade do Instituto de Letras e Artes da Universidade Regional do Rio Grande do Norte, sobre o mestre Cascudo.

Excusado acentuar quanto me comoveu a oportunidade dessa conferência cinqüentenária, – na realidade fato que dificilmente se verifica, inclusive de coincidência de idêntico local.

Américo de Oliveira Costa

Mestre Cascudo

Quando, em janeiro de 1967, realizou-se em Natal, o IV Congresso da Liga Latino-Americana de Astronomia, convidei Mestre Cascudo para saudar, na sessão de abertura, as delegações nacionais e estrangeiras. A bela oração do Mestre está publicada nos Anais do IV Congresso.

Na elaboração da pauta, qualifiquei o orador como "escritor". Dias depois, ele se queixava a mim. "Soares", disse, "você sabe que eu sou professor". Para ele, não existia título mais honroso.

Foi um professor fluente, erudito e sempre de bom-humor. Suas aulas eram as mais freqüentadas pelo corpo discente. Lecionava História do Brasil na 4ª série. Lembro-me que, na primeira aula de nossa turma, o colega Alvamar Furtado, antes do professor chegar à sala, declarou para todos em alta voz: "Há quatro anos que aguardo esta hora".

Certa vez, dissertou sobre um Conselho que funcionou no 1º Império. Relacionou os nomes dos componentes, acrescentando que o Brigadeiro Lima e Silva era pai do futuro Duque de Caxias.

Tempos depois, fez menção ao referido Conselho, mas não citou que o Brigadeiro era pai de Caxias. Aproveitei para fazer meu cartaz de estudante:

"Professor", perguntei, "esse Brigadeiro Lima e Silva é o futuro Duque de Caxias?"

A resposta veio imediata e aos borbotões: "Era o pai, quero dizer, o Brigadeiro é o pai do futuro Duque de Caxias".

Notei que o Mestre estava satisfeito. Seria como aconteceu com o professor Clementino Câmara que afirmava gostar de aluno perguntador? Ou apenas expandiu júbilo por haver dominado uma pergunta de algibeira? De qualquer maneira, alcancei meu objetivo de estudante que pretende fazer cartaz.

De todos que estão aqui reunidos na data natalícia do Mestre, excluindo provavelmente Dona Dhália, sou o amigo mais antigo do Mestre inovidável. Meu conhecimento e amizade é anterior a fevereiro de 1929, nos meus quatorze anos, quando ingressei no 2º ano do Atheneu, e o Mestre era o Diretor. Além disso havia uma amizade forte e afetuosa entre ele e meu pai. No início de minha adolescencia ouvia as conversas dos dois historiadores.

Antônio Soares de Araujo Filho

Cascudo, um ano depois

Cascudo morreu como viveu: tranqüilamente. Seus atos fundaram o homem que ele sempre foi. Sua genialidade era original. Por quê? Porque nos laços que ele criou, nas pessoas e coisas que ele amou, nos ideais em que acreditou, no sentido que deu ao seu próprio ser, à sua vida, aos seus sentimentos, à sua criatividade, estabeleceu uma identidade simples e peculiar entre o homem e o Gênio. Nele coexistiam o cidadão do mundo e o cidadão amante de sua terra, de sua cidade e de sua gente. Poucas pessoas desenvolveram, como ele, uma obra universal sem renunciar aos seus renovados compromissos com a cultura do seu povo. Jorge Dias, antropólogo português de renome internacional (já falecido), dizia que sua obra era tentacular por seu alcance planetário. Atribuía-lhe uma faculdade genuína que consistia em detectar caracteres que estão em todos os povos e todas as culturas. Cascudo, de Natal, enxergou o mundo através de uma sensibilidade que lhe permitia entender e compreender a odisséia humana em todas as latitudes. Aproximando-as e relacionando-as.

Cascudo mergulhava na alma humana através daqueles sentidos que transpõem as barreiras do tempo. Numa obra erudita e meticulosa sob o título de "Cinco Livros do Povo", ele imergiu na alma do nordestino, em valores cultivados desde o século XVI, nos albores de nossa formação cultural. Alí captou em outro ângulo as verdadeiras origens do que nós somos. Porque nas fazendas, desafiando até a intolerância da inquisição, preservou-se uma literatura, muito mais por via oral do que por textos impressos. Repetia-se, no Nordeste, uma tradição judaica, que consistia em adestrar crianças na memorização de tudo quanto era indispensável preservar para a perpetuação de uma identidade cultural, religiosa, política e moral. Assim ele enveredou por caminhos que o atraíram às origens do que se convencionou chamar de civilização cristã ocidental. E que o conduziram a estabelecer ligações entre o mundo medieval, por exemplo, e a vida do nosso povo em pleno século XX. Referindo-se aos "Cinco Livros do Povo" e mais à História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França (eternizados, até hoje, por improvisadores, emboladores e pela literatura de cordel), ele estabelece essa admirável convergência entre a cultura universal e a regional: "Todas essas novelas refletem o trabalho pessoal, mas o enredo, os fios do tema, a maneira de situar as soluções levarão o pesquisador para os domínios mais recuados da universalidade novelística. Será sempre o universal no regional".

Por isso entendemos que o humanismo de Cascudo foi como o de Exupéry. Sua fidelidade foi com o homem. Para ele não havia preconceitos, tabús, restrições ou limitações. Era um erudito com linguagem símples, objetiva, lúcida e efetiva. Se é possível cunhar uma máxima sobre sua vida, sua obra, suas relações, seus sentimentos, certamente nada melhor alcança esse sentido do que essa sentença de Exupéry: "Nada tem sentido, se aí não misturei meu corpo e meu espírito". Mas a gênese da obra de Cascudo não se esgotou. Está viva. Acompanha a vida do nosso povo. Porque o que ele descobriu, dignificou, amou, calorizou, está em cada um de nós. Em todos os Brasileiros, em todos os nordestinos e, especialmente, em todos os norte-rio-grandenses. Cascudo realizou uma simbiose inimaginável. Misturou no seu modo de ser tudo quanto seríamos capazes de aspirar, sonhar, imaginar e descobrir. Ele revelava uma obstinada preocupação com aquelas motivações que faziam o povo se reunir, juntar-se, relacionar-se e explodir em suas manifestações culturais. Para ele nada mais era tão nocivo e tão obscurantísta quanto as restrições ao entendimento e às relações das pessoas. Era nessa comunicação que o seu universo adquiria vida e mobili-

dade. Sua capacidade de renúncia era, de certo modo, estóica. Sua vida simples, tranquila, voltada para os estudos e para o seu universo de familiares e amigos, que se estendiam por países e continentes, animava-se pelo exercício de uma liberdade: a liberdade da alma, que abrigava toda a sua fantástica criatividade.

Na África, ele realizou inúmeras pesquisas. Uma delas relatada em "Civilização e Cultura" (editora Itatiaia, pág. 581) ele revela a amargura de um velho que não podia mais acompanhar os cânticos dos mais jovens: – Por que choras, Macavane? – Estou velho, não posso cantar. – Tu gostas de cantar? – Quando o preto canta, Chicuembo repousa... (Deus descansa). Cascudo canta. Não descansa. Porque o seu canto é a seiva que ele descobriu, mostrou e distribuiu pelo mundo afora. É a seiva que une os homens, em seus sentimentos e sua cultura. É a seiva que fundamenta o humanismo, que identifica no homem essa morada do próprio Deus. E como o seu tabernáculo, Cascudo O amou com sua genialidade. E o amando, amou os homens e a vida.

Cláudio Emerenciano

A benção

Quando vim estudar aquí, meu pai, que tinha enorme curiosidade intelectual, me advertiu:

– Você gosta de literatura. Em Natal só tem um rio que é Câmara Cascudo. O resto é tudo riacho.

Banhei nas águas desse rio a minha adolescência e maturidade. Inicialmente, tentei sem sucesso me aproximar dele. Mas mesmo sem prestar atenção ao meu entusiasmo, não deixava de ter uma palavra gentil. Um dia, fui fazer o exame oral para a faculdade de Direito, na Ribeira. A banca de História nos assombrava. Lá estava ele presidindo a mesa, com Hélio Galvão e Floriano Cavalcanti. Quis, de todo jeito, chamar a sua atenção. Hélio, o religioso, me perguntou o significado da Revolução Espanhola. Dessacralizei a Igreja Católica como podia. Desde o Santo Ofício. Arrematei dizendo que a Revolução Espanhola representou a falência da democracia e a matança cruel do maior poeta do universo, Garcia Lorca. Cascudo riu e comentou com o austero Professor Floriano Cavalcanti chamando-o pelo apelido carinhoso, "Flor".

Antes de ser meu professor de Direito Internacional Público, já assistia às suas aulas, em outras classes. Quase nada de Direito, muito de etnografia, cultura popular, história, anedotas acompanhadas de gestos e caretas, poesia. Um dia, disse que Goethe era a chave. Apenas isso: a chave. Ainda agora lendo **Caos**, a mais nova teoria científica em voga, descubro que até sobre a teoria das cores, Goethe é a chave.

Cascudo me tomou como seu aluno predileto. Um filho, dizia. Foi meu padrinho de casamento em João Pessoa. Creio que fui selecionado pelo meu atrevimento em lhe sugerir estudos e pelo bairrismo de Nova Cruz e Passa e Fica. O tempo só me faz aumentar a devoção ao Mestre. Em minha sala de trabalho os seus olhos imobilizados no retrato me fazem ver coisas, caminhos, soluções imprevistas.

Freqüentei a sua casa por mais de vinte anos. Tive curso informal de literatura e humanismo. Sou testemunha do amor, da dedicação do casal, do bem querer aos filhos, da alegria pela beleza de Daliana, pelo talento da escritora precoce Camila, e por Niltinho que deu um bom depoimento, recentemente, sobre o avô. Me disse que ao chegar em casa umas flores amarelas (que estavam do outro lado da porta de entrada) lhe cumprimentavam. A flor lhe dava bom dia. E Dhália que lhe calçava as meias e adivinhava suas vontades! Quando lhe mostrei o livro, sugerido por Paulo Macedo, Câmara Cascudo, um Brasileiro Feliz, me reprovou: "Você está chamando os outros cem milhões de brasileiros de infelizes". Depois de publicado, para a minha alegria, comentou que era a forma boa de se fazer biografia: não definir e mostrar as várias faces e circunstâncias para que o leitor conclua quem é o seu biografado.

Na entrada do seu quarto, havia um retrato de Rubem Ludwig, comigo presente. Gostou muito do ex-Ministro, chamando-o de meu xará, Ludwig, Ludovicus. Dona Dhália me contou que, antes de deitar, o Mestre atirava beijos ao retrato e nos dava a benção.

Sei que meu padrinho, de onde estiver, com asas, vestido de seda e arminho, abençoa a minha pobre, triste e, agora, saudosa vida.

Diógenes da Cunha Lima

Vivencia com Cascudo

Em breve palavras, falarei sobre a minha convivência com o mestre Cascudo e sua família. Não devo esquecer que, nos idos de trinta, fui seu aluno quando lecionava História do Brasil no Atheneu Norte-Rio-Grandense.

Mas só em 1953 quando, já adulto voltara a morar em Natal é que nasceu a nossa convivência e consolidação da amizade familiar. No final desse ano, enquanto terminava a construção da minha atual residência, um amigo me cedeu sua casa na praia de Areia Preta. Foi então que surgiu a grata surpresa de ter como vizinhos Cascudo e seus familiares.

Nesse ambiente, as noites eram animadas pela presença de alguns amigos. Lembro-me dos encontros da Praça da Jangada, ao som da musicalidade levada pelo seu filho Fernando Luís, ouvida pelo nosso grupo a quem Cascudo denominara "Clube dos Maridos Oprimidos".

A partir de então, nosso convívio proseguiu pelos anos afora. No âmbito da nossa aproximação, devo fazer referência à linguagem própria, irônica ou satírica, que as vezes utilizava ao comentar pequenos detalhes. Assim, em seu livro "Pequeno Manual do Doente Aprendiz", onde se dispôs a me dedicar um capítulo, diz, referindo-se ao laboratorista: "Encarregou-se de pesquisar a percentagem inútil de hóspedes no meu sangue e o alarmante crescimento desses hematóbios aproveitadores sem convites."

E na "Ata Diurna", onde discorre sobre a programação "Museu do Disco", que apresentei em 1960 na Rádio Nordeste, revela: "Grácio Barbalho coleciona discos como outros juntam selos, orquídeas, caixa de fósforo ou livros alheios".

Algumas vezes me pedia, sempre por escrito, esclarecimentos sobre ligeiros detalhes ligados à nossa música popular. Lembro-me que, certa vez, fui à sua casa para entregar pessoalmente alguns dados que me solicitara acerca do samba "Fita Amarela" de Noel Rosa. Ao chegar, encontrei-o sendo entrevistado pela jornalista Lena Frias, na época ligada ao Jornal do Brasil. Ouvi, então, as suas primeiras palavras: "Grácio, esta moça deve ser fria só no nome".

É evidente que, neste pequeno relato, não poderia me deter no verdadeiro universo do mestre Câmara Cascudo, trazendo a presença do historiador, do pesquisador, do folclorista, da glória cultural do nosso Estado. Aquí estão apenas lembranças daqueles encontros, ressaltando a amizade que une as nossas famílias. Outras incidências de conteúdo original se juntariam às que descreví e todas elas, certamente, permanecerão na minha memória.

Grácio Barbalho

Câmara Cascudo - o professor

Em reunião do Conselho Estadual de Cultura, foi sugerido por Paulo Macedo e complementado por Alvamar Furtado, um depoimento pessoal dos Conselheiros, acerca de um fato que se lhe tivesse impressionado em relação à figura marcante, singular e humana de Luís da Câmara Cascudo, objetivando homenagear a sua memória na passagem do seu natalício.

Nascido em Natal, naturalmente que desde a mocidade habituamo-nos a acalentar, no espírito, a sua decantada sabedoria nos mais diversificados ramos das ciências ditas sociais.

Igualmente a todos natalenses, acompanhamos a sua vida de homem bom e de homèm culto, iluminado, com o facho ardente da ciência e da fé, as inteligências de muitas gerações estudiosas.

Abstraindo-nos de outras considerações preliminares, abordemos o ângulo principal desta página.

Dentre os atributos inerentes à sua personalidade cultural, o que Câmara Cascudo, marcou, indelével, na nossa memória perceptiva, foi a sua postura de Professor.

Adolescente, estudávamos no Marista e o mestre alí ensinava História da Civilização. Dava poucas aulas, mas que eram verdadeiras palestras. Afigurava-se uma espécie de professor-visitante, classificação atualmente dada no ambiente universitário. Pesquisador de alto gabarito, sobrava-lhe, naturalmente, pouco tempo para outras divagações, e mesmo porque o gênio é, por natureza, um tanto dispersivo.

Como dizíamos, impressionou-nos a sua eloqüência na sala de aula. Eloqüência não só da sua conhecida retórica, mas, também, do conteúdo programático da disciplina que ministrava, pelo peso da sua autoridade de mestre consumado que era.

Recordamo-nos que suas aulas começavam às onze da manhã e ultrapassavam, mais de meia hora, dos cinquenta minutos regulamentares. No entanto, ninguém reclamava ou sentia fome, já que todos ficavam silenciosos, atentos e embevecidos, como que magnetizados pela magia da sua palavra erudita e convencedora.

E a sua voz, compassada de eloquência didática, percorria o labirinto dos períodos históricos. E dissertava sobre a Babilônia e os seus jardins suspensos. Falava da Torre de Babel e da confusão das línguas alí reinante. Interrogava a Esfinge do deserto tebano. Questionava o Egito e as dinastias dos Faraós, o seu teocracismo político, seus túmulos, suas pirâmides. A religião monoteísta de Aknaton e da sua fiel Nefertriti. Sobre os deuses pagãos. Decifrava a mitologia grego-romana. A cultura da Grécia clássica. A organização de Roma, senhora do mundo. Os séculos de Péricles e de Augusto. E discorria sobre os Códigos das leis dos homens: o de Hamurabi, de Justiniano e de Napoleão. Perlustrava a vida dos conquistadores: Alexandre Magno, Júlio César e Constantino, o Grande. A vida das mulheres célebres: a bela Cleópatra, rainha do Nilo; Aspásia, a filósofa, amante de Péricles; Joana D'Arc, heroína de França; Maria Antonieta e seus cabelos Brancos...

Essas aulas causavam tanto interesse ao espírito dos alunos, que pareciam como o raiar de uma nova aurora da ciência histórica, lecionadas, com proficiência, por um professor diferente dos outros, e parecido com Aristóteles e Alberto Magno.

Com o período das férias, veio a separação. Do professor eloqüente só restou a lembrança e o eco, cada vez mais distante, da sonoridade da sua voz rouca de barítono.

A aurora radiosa de suas aulas transformara-se na melancolia das tardes matizadas pelo sentimento da saudade.

E a noite desceu, aos nossos corações, no dia da sua despedida.

Jurandyr Navarro

O imponderável
Luís da Câmara Cascudo

Falar sobre Luís da Câmara Cascudo é falar sobre o imponderável. Por mais que procuremos conhecê-lo, no ilimitado de sua presença humana, restam áreas inexploradas. Rios nunca navegados, montanhas intransponíveis, um mundo marcado pela surpresa do desconhecido. Aproximar-se dele traduz, apenas, aportar a uma terra que os olhos e o pensamento vêem pela primeira vêz. Não traduz o conhecimento de quem pode alardear a descoberta, porque a verdadeira descoberta não é daquele que chega e vê pela primeira vez, no encontro inicial. Descobrir é conviver e cansar os olhos na contemplação permanente. O descobridor não é aquele que realizou a viagem assinalada pelo destino, fundeando a âncora na primeira abordagem, mas aquele que, sucedendo Colombro, no aprendizado forjado em repetidas viagens, plantou no novo mundo a semente do futuro.

Os que quiseram tiveram a revelação do mundo de sabedoria e cultura contido nos livros do mestre Cascudo. Mais de duzentas obras, nas quais os temas mais variados, do folclore à história, da ficção ao ensaio crítico, do tradutor de poetas clássicos ao compilador de contos populares, tantos temas revividos com a força criativa dos gênios verdadeiros. Para citar apenas dois, entre as duas centenas de livros que sua cabeça prodigiosa escreveu, aí estão o "Dicionário do Folclore" e "Civilização e Cultura", patrimônios da humanidade. Pelo exercício paciente da leitura, podemos nos considerar seus verdadeiros descobridores pela convivência com o mestre Cascudo. E da leitura de seus livros, nesta convivência-descoberta, passamos à intimidade maior de sua presença física no casarão da Junqueira Aires. Que o diga o mestre Américo de Oliveira Costa, habitante e convivente deste continente chamado Luís da Câmara Cascudo, que ao chegar às suas praias mandou celebrar uma missa e devassou a floresta de sua alma e viajou às profundezas do seu coração.

Luís Carlos Guimarães

Lembrando Cascudo

Decidiu, em boa hora, o Conselho Estadual de Cultura promover sessão em homenagem ao mestre de nós todos, Luís da Câmara Cascudo. Cada conselheiro prestando seu depoimento de como conhecera e se aproximara dele.

Integrante do Conselho, faltei à reunião, por ter viajado até Fortaleza, onde participei das comemorações de bodas de ouro matrimoniais de um irmão.

Cumpro agora a tarefa muito grata de recordar minha aproximação com Cascudo, que por sinal era padrinho da minha filha Ângela.

Vasculhando a memória, recordo haver alcançado Cascudinho morando ainda na mansão do seu pai, coronel Cascudo, no Tirol, bairro onde também morávamos. Forte, simpático, polainas brancas, chapéu de feltro, timbre de voz alto, sonoro.

Mais tarde o veria no gabinete do meu pai, à Av. Rio Branco 395, onde fica hoje o restaurante do SESC. Caderno de notas em mãos, ele o entrevistava sobre os primeiros tempos da República no Rio Grande do Norte. Felipe Guerra, meu pai, fôra deputado estadual constituinte e secretariara a Junta Governativa do Estado, quando da deposição do Governador Miguel Castro, ao tempo de Floriano Peixoto.

A aproximação maior e influência de Cascudo sobre mim ocorreria a partir de 1928, quando eu era aluno do velho Atheneu. Foi nossa turma a primeira a receber as magistrais lições do novo professor de História do Brasil. Aulas de padrão universitário, ministradas com simplicidade e clareza. Em vez de cronologias e biografias, os fatos, integrados na história mundial.

Ele jamais foi um professor distante. Por isso mesmo ninguém tinha constrangimento de procurá-lo. Além do mais, estimulava-nos. Quando publiquei meus primeiros artigos no Diário de Natal (jornal católico) incentivou-me bastante e sugeriu enviá-los a determinadas pessoas. Ainda hoje conservo um cartão de Gustavo Barroso, com o tímbre da Academia Brasileira de Letras, em resposta a carta minha, em que remetera um dos meus artigos.

Já formado, voltaria a encontrar-me com a maior freqüência por causa do movimento integralista. Ele se tornara o Chefe Provincial e eu Secretário de Estudos. Independentemente do movimento que, então, nos empolgava, sempre tinha o que aprender nas conversas com o meu amigo, com sua visão notável dos problemas.

Fundada a nossa Academia de Letras, de que seria Cascudo o fundador, coube-me uma das cadeiras, sendo eu hoje o único remanescente. Lembro-me bem do seu interesse pelo bom funcionamento da entidade. Ele, aliás, sempre se interessou pela evolução cultural de nossa terra, sendo também iniciativa sua a constituição de uma Universidade Popular, que teve momentos altos, embora fugazes, com variadas e interessantes exposições.

Seríamos colegas de magistério na Faculdade de Direito. No Atheneu, fôra ele meu diretor. Agora, as coisas invertiam-se, cabendo-me a direção. Participamos de muitas bancas examinadoras, onde demonstrava seus conhecimentos múltiplos e a verve inimitável.

Otto de Brito Guerra

Patrimônio cultural da humanidade

O momento que agora vivemos traz alegria ao meu espírito, porque nele se homenageia o Mestre Luís da Câmara Cascudo, na passagem de mais um aniversário de nascimento. E a satisfação que experimento é maior quando vejo reunidos o Conselho Estadual de Cultura e a Academia Norte-Grandense de Letras acolhendo a minha proposta de reverenciar a memória do professor, do intelectual, do folclorista, do pensador, do humanista, do mais brilhante homem de inteligência e cultura da nossa terra e do nosso tempo.

Neste breve depoimento sobre o Mestre de Natal identifico fatos significativos e relacionados com a minha vida profissional. Foi ele que prefaciou o meu livro "Memória Contemporânea", depois de ter-me incentivado a escrevê-lo. Surpreendeu-me alguns dias depois, chamando-me à sua residência, determinando, generosamente, que eu me candidatasse à Academia de Letras que fundou e da qual é Patrono. E antes que eu falasse, aduziu: "Já lí o artigo segundo, parágrafo terceiro e letra C dos Estatutos e Regimento. Você faz um jornalismo sério, valoriza a cultura e deve suceder na cadeira número 10, outro jornalista, Bruno Pereira. Quero ser o primeiro a votar em você. E finalizando, disse: é uma ordem". 35 outros Acadêmicos endossaram a idéia de Câmara Cascudo e eu fui eleito para a Academia.

A minha amizade com o notável homem do saber fora consolidada quando, no início de minha atividade jornalística, criei a Medalha do Mérito Câmara Cascudo a ser conferida a quem demonstrasse dedicação ao trabalho, esforço profissional, inteligência e contribuição ao progresso e desenvolvimento da comunidade, exemplificando o próprio homenageado.

Enquanto viveu – e gozou saúde, compareceu à solenidade anualmente editada distinguindo personalidades potiguares e brasileiras com a honraria por ele patrocinada.

Durante trinta anos mantivemos uma amizade fecunda, simpatia e respeito recíprocos, com vantagem para mim por receber lições permanentes sobre a vida e o mundo.

Quando o Mestre morreu eu estava a presidir a política cultural do Estado, na área governamental. E passei a construir a maior homenagem até hoje prestada a um norte-rio-grandense: um Memorial para guardar os seus documentos, os seus livros, os seus depoimentos, síntese das suas conferências no Brasil e no exterior, as suas fotografias, desde a infância até os últimos dias de vida. E diante do edifício néo-clássico uma praça com espelhos d'água, deles emergindo um braço forte e uma mão gigante a acolher a estátua no tamanho natural, 1 metro e 64, do Mestre, no bronze, significando a mão o carinho da cidade pelo seu filho mais ilustre.

E com os materiais da história (pedra, cal e bronze) alí onde a cidade nasceu, estão o homem e o saber, sua obra internacionalmente reconhecida, à disposição dos estudiosos e pesquisadores, ambiente histórico e cultural, que foi sua atmosfera de vida e inspiração.

Lembro, finalmente, o grandioso gesto de bondade do Mestre para comigo no último aniversário natalício que celebrou, em sua casa, presentes autoridades governamentais, intelectuais e amigos comuns, ocasião também do lançamento da reedição

da "'História do Rio Grande do Norte", tendo a seu lado o Governador José Agripino e o ex-Governador Silvio Pedroza. Disse o Mestre que queria transferir a homenagem que ora recebia para outro aniversariante, no caso eu. Já tinha recebido dele muitas homenagens e distinções mas por aquela jamais esperei. Mas guardo uma frase que o iluminado professor proferiu para mim. Disse ele: "Sinto-me cansado e percebo que sou uma saudade da vida agarrada ao sonho de continuar a viver".

Mesmo tomado de tão gigantesca emoção, respondí-lhe: "Mestre, o que você foi e o que você fez é de quem jamais morrerá".

Paulo Macedo

Cascudo: Relembranças

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO permanece e é preciso redescobrí-lo até nas minudências. Nas gerações do século XX, ele é o pólo magnético que concentra e traduz as emoções da nossa literatura.

A sua grandeza literária já foi exposta com clareza por mestres do quilate de Américo de Oliveira Costa, seu biógrafo, Veríssimo de Melo, Alvamar Furtado, Dióge-nes da Cunha Lima, Antônio Soares Filho, Otto de Brito Guerra, Grácio Barbalho, corpo seleto de ex-alunos, amigos e discípulos que mantiveram com ele estreita relação de convivência.

Desejo captar em Cascudo o sentido e o rumor dos densos instantes dos contatos repetidos ao longo de alguns anos. São as sensações – lembranças povoando os espaços da memória, a recomposição de gestos e momentos perdidos, mas de luminosas descobertas da sua genialidade.

Na meninice e na adolescência, a curiosidade era o sentimento que Cascudo me despertava. Só fui entender sua dimensão na Faculdade de Direito. Depois, já na presidência da Fundação José Augusto, passei a frequentar a sua casa repetidamente, envolvido no projeto de reedição dos seus livros.

Recolho, aqui, detalhes do nosso relacionamento pequeno, mas afetuoso.

Cascudo gostava de me chamar "Pisa na Fulô". Alcunha nascida das calcinadas lutas políticas de Macaíba pelas quais Cascudo se interessava, pois, D. Dhália é Macaibense. Jamais perderei a imagem dos seus braços escancarados na saudação alegre quando lhe visitava.

Uma tarde, com os seus familiares, subimos até o terraço do Hotel Othon, na rua Santo Antônio, local onde se descortina uma visão esplendorosa do pôr do sol. O ponto de intersecção da mais comovente reação estética que pude extrair dessa visão patética, foi a contemplação simultânea do perfil de Cascudo, o Potengi ao fundo, a cidade ao redor e o céu derramando-se em chamas. Confesso que senti a paz cósmica satisfeita.

A última vez que Cascudo saiu de casa, foi no lançamento de "Folclore no Brasil", no auditório da Fundação José Augusto, final de 1980.

Após o último autógrafo, sentenciou, fuzilando-me com o olhar:"–Pisa na Fulô, você me mata! Outro, só lá em casa!"

E assim foi feito.

Valério Alfredo Mesquita

O outro Cascudo

Para os que conviveram com Luís da Câmara Cascudo como em geral quase toda gente que viveu em Natal durante estes últimos cinquenta anos – fácil é externar impressões as mais variadas de sua figura humana, de sua personalidade ímpar, de seu saber verdadeiramente de experiência feito. Mas, para os pósteros, para os que virão amanhã e gostariam de saber como foi Cascudo na realidade, qual a imagem que poderíamos passar à posteridade desse extraordinário humanista de nossa terra?

Em Cascudo, o que mais me impressionava era a sua permanente alegria de viver. Dentro ou fora de casa, nas reuniões de intelectuais ou gente do povo em geral, Cascudo demonstrava sempre uma alegria esfusiante. Ninguém poderia comparar-se a ele nesse particular. Criava coisas muito mais próprias de meninos danados do que de gente grande e austera.

Alguns fatos, certamente, muito ajudarão a explicar melhor quem foi Cascudo na sua intimidade, na sua euforia cotidiana.

Diretor do jornal "A República", recebia diariamente muita gente no seu gabinete de trabalho. Inclusive esses tipos populares que aparecem nas redações de jornais para pedir notícias de aniversários de amigos ou coisas assim. Um deles, tinha também o hábito de filar um cigarrinho de Cascudo, que conservava o maço em cima de sua mesa. Um dia, porém, Cascudo chateou-se e resolveu pregar uma peça ao filante. O tal homem chegou e pediu licença para retirar um cigarrinho. Cascudo acendeu, tranqüilo. Menos de meio minuto em que o homem acendeu o cigarro, ouviu-se a explosão e o grito da vítima atordoada! Cascudo havia colocado pequena bomba de São João dentro dos seus cigarros envenenados... Nunca mais o tal homem apareceu para pedir cigarros.

Assistimos e fizemos parte de algumas reuniões do Clube dos Inocentes – uma invenção de Cascudo. Era um clube sem estatutos e nem atas, que se reunia eventualmente num bar ou na residência de algum dos seus filiados, apenas para beber, comer e conversar. Comerciantes, professores, funcionários públicos, bancários – todos se nivelavam naquelas horas de convívio ameno e bem humorado.

Cascudo pontificava nessas reuniões do Clube dos Inocentes. Inventava mil coisas. Incontáveis brincadeiras. Às vezes, Cascudo se levantava de sua cadeira e todos o seguiam. Era uma espécie de cordão carnavalesco. Iam ao quintal da casa, por exemplo, circulavam em torno de árvores, passavam pela cozinha, entravam pelos corredores, salas, baixavam-se todos ao passar sob um arame ou obstáculo qualquer, etc. Isso, naturalmente, quando a temperatura etílica aumentava. Havia uma proibição no Clube dos Inocentes: Ninguém poderia falar sobre a sua atividade profissional. Tinha de puxar outro assunto.

Quem, no futuro, lendo os livros eruditos de Cascudo poderia imaginar que ele bolasse coisas tão incríveis?

Essa imagem de Cascudo brincalhão, contando mil anedotas, talvez não chegue tão nítida à posteridade quanto nós a presenciamos. Mas, é bom que se saiba: o trabalhador intelectual incessante que foi Cascudo – um estudioso que passava às vezes meses sem sair de casa, lendo e escrevendo, noite a dentro, tinha também seus dias de intensa alegria e convivência com amigos. Este outro Cascudo, verdadeiramente, não está nos seus livros. Nem de longe, por mais que possam aparentar certas páginas vivas de suas memórias.

Para concluir: muitas vezes fui à casa dele acompanhando o escritor Nilo Pereira – que morava no Recife, como se sabe e a quem Cascudo dedicava amizade fraternal. Cascudo estava sempre lendo ou escrevendo, quando chegávamos. Ele parava o trabalho, levantava a vista firme para Nilo e começava a guerra. Atirava na cara de Nilo todas as almofadas que ia encontrando na sala. Nilo se defendia aos gritos. Por fim, dava um chute na canela de Nilo, demonstrando assim o seu imenso júbilo pela visita do velho amigo querido.

Cascudo era isso e muito mais. Quem poderá esquecê-lo?

Veríssimo de Melo

Folclore e humanismo

"Dou ao público o que ele me emprestou; pedi-lhe emprestado a matéria desta obra."

La Bruyère

Destas palavras iniciais Cascudo se valeu para epígrade de sua obra, o "Coisas que o Povo Diz", de 1968. Talvez não seja seu trabalho mais conhecido, nem importante. Por certo nem se poderia compará-lo com o magnífico "Dicionário do Folclóre", ou com "Civilização e Cultura", entre os cerca de 200 livros que publicou.

O que importa, no entanto, é o sentido humanista que Luís da Câmara Cascudo sempre emprestou as suas obras, com as quais devolvia ao povo ou a ele havia pedido emprestado.

Estas observações crescem de importância num instante em que, no Brasil, os estudos folclóricos são relegados a plano inferior, sequer constando do currículo das escolas de 1º grau e, poucas, muito poucas vezes, gerando interesse nos círculos acadêmicos. Com isso, perde a cultura de nosso povo, perdem-se tradições e, mesmo, lembranças de comportamentos populares que, tempos afora, deveriam ser o orgulho de cada tribo nacional. Os meios de comunicação, ávidos de lucro, "inventam" modismos, impõe gostos e revestem de falsa modernidade tudo aquilo que vem de fora, porque já vem embalado, enfeitado e pronto, por isso mesmo, pra consumir. Em resumo: é mais barato e rende mais.

Cascudo, se fosse vivo, seria um tremendo denunciante desses modismos alienantes, procurando, com seu incrível bom humor e seu amor por aquilo que era do povo e feito pelo povo, despertar nos jovens – e nos governantes, e nos publicistas – o interesse pelo estudo de nossas coisas. Mas não com o espírito meramente acadêmico e, no mais das vezes, hermético. Mas com o prazer de ver, ouvir e cantar aquilo que nosso povo faz e, sobretudo, no que naquilo há de belo e estimulante.

Reconhece-o Veríssimo de Melo, um dos depoentes neste trabalho, quando se refere a Câmara Cascudo como um "extraordinário humanista", afirmando que o que mais lhe impressionava, no Mestre, era "sua permanente alegria de viver."

De viver junto ao povo, de sentir-lhe as vocações e desejos, de traduzir tudo isso em obras monumentais, onde o homem é considerado em sua imediata grandeza e resplendor. Esse humanismo, essa obra de Luís da Câmara Cascudo é imorredoura. Por isso, o Sindicato de Bancários de Brasília tem o justo orgulho de poder apoiar a publicação. deste trabalho, cuidando de sua divulgação não apenas entre a categoria bancária, mas a meio de toda a comunidade, na certeza de que, uma vez mais, estaremos contribuindo pra despertar, em todos, o interesse pelo estudo do folclore e, com ele, do homem que melhor o realizou, no Brasil: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.

APOIO CULTURAL:



cários de Brasília

F000223

al, Revisão, Capa e Impressão do
o dos Bancários de Brasília/DF.